

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

GABRIELY PEREIRA DA SILVA LUCAS

MULHERES NAS CIÊNCIAS ECONÔMICAS:
estudo para o Estado de Minas Gerais

VARGINHA - MG

2019

GABRIELY PEREIRA DA SILVA LUCAS

MULHERES NAS CIÊNCIAS ECONÔMICAS: *estudo para o Estado de
Minas Gerais*

Trabalho apresentado como fase final do Programa Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão para a obtenção do título de Bacharel Interdisciplinar em Ciência e Economia pela Universidade Federal de Alfenas.

Orientadora: Dra. Cláudia Adam Ramos

VARGINHA - MG

2019

GABRIELY PEREIRA DA SILVA LUCAS

MULHERES NAS CIÊNCIAS ECONÔMICAS:
estudo para o Estado de Minas Gerais

A Banca examinadora abaixo-assinada, aprova o trabalho de conclusão do PIEPEX (TCP) apresentada como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel Interdisciplinar em Ciência e Economia pelo Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da UNIFAL-MG.

Trabalho aprovado em: 16/12/2019

Profa. Dra Cláudia Adam Ramos
Instituição: ICSA / UNIFAL-MG

Profa. Dra Michele Barbosa
Instituição: ICSA / UNIFAL-MG

Profa. Dra Pamila Cristina Lima Siviero
Instituição: ICSA / UNIFAL-MG

VARGINHA - MG

2019

RESUMO

A inserção das mulheres nos espaços científicos tornou-se realidade a partir da transposição de diversas barreiras estruturais (legais, políticas e sociais). Somente no ano de 1834 elas puderam frequentar as universidades, o que no Brasil aconteceu somente no ano de 1879. Mesmo diante destas dificuldades impostas pela sociedade, no país, em 2000, as mulheres passaram a ser maioria em todos os níveis da educação. De acordo com o Censo da Educação Superior (NEXO,2017) o curso de Economia é considerado masculino, uma vez que mais da metade dos seus alunos são homens. Este trabalho insere-se neste contexto, ou seja, ele objetivou responder sobre a participação feminina nos cursos de Economia do Estado de Minas Gerais. Para desenvolver esta análise foram utilizados dados dos anos de 2017, 2018 e 2019. Foi escolhido este intervalo de tempo em virtude do fato de ter sido 2018 o ano a partir do qual os alunos da Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG) puderam ingressar diretamente via Sistema de Seleção Unificada (SISU). Os resultados indicam que o corpo discente dos cursos de Economia do Estado de Minas Gerais é composto, como sinalizava o Censo acima mencionado, em sua maioria, por homens. Ou seja, mesmo as mulheres sendo hoje maioria nas universidades brasileiras, os resultados sinalizam que ainda existem cursos em que isso não é uma realidade.

Palavras-chave: *Relações de Gênero, Ciências Econômicas, Ensino Superior e Minas Gerais.*

Lista de tabelas

Tabela 1	– Número total de alunos convocados para as primeiras chamadas nos cursos de Economia da IES públicas do Estado de Minas Gerais para o período de 2017 a 2019.	15
Tabela 2	– Quantidade de docentes, por gênero, nos cursos de Economia da IES públicas do Estado de Minas Gerais.	16
Tabela 3	– Quantidade média, para o período de 2017.1 a 2019.2, de ingressantes do gênero feminino nos cursos de Economia da IES públicas do Estado de Minas Gerais.	18
Tabela 4	– Quantidade média, para o período de 2017 a 2019, de produções acadêmicas dos docentes da UNIFAL-MG.	22

Lista de ilustrações

- Figura 1 – Linha do tempo com o registro das principais conquistas femininas, no Brasil e no mundo, em relação ao acesso à possibilidade de produzir conhecimento científico. 11
- Figura 2 – Ingressantes, por gênero, dos cursos de Economia/Ciências Econômicas das IES públicas do Estado de Minas Gerais para o período de 2017.1 até 2019.2. Figura A - Ingressantes UNIMONTES; Figura B - Ingressantes UFMG; Figura C - Ingressantes UFVJM; Figura D - Ingressantes UFV; Figura E - Ingressantes UFU; Figura F - Ingressantes UFOP; Figura G - Ingressantes UFSJ; e Figura H - Ingressantes UFJF. 19
- Figura 3 – Ingressantes, por gênero, no cursos de Ciências Econômicas com Ênfase em Controladoria da UNIFAL-MG para o período de 2017 a 2019. Figura A - exibe a média, para 2017, do ingresso no curso via edital de 2º ciclo, e 2018 e 2019 a média dos ingressante via SISU. Figura B - exibe a média, para 2017, do ingresso no curso via edital de 2º ciclo, e 2018 e 2019 a média do total de ingressantes do período, ou seja, via SISU e via Edital de 2º ciclo. 20
- Figura 4 – Percentual médio, referente ao período de 2017 a 2019, por IES pública, de estudantes mulheres do curso de Ciências Econômicas no Estado de Minas Gerais. 21
- Figura 5 – Percentual médio, por IES pública, de docentes mulheres nos curso de Ciências Econômicas no Estado de Minas Gerais. 22
- Figura 6 – Média da produção dos docentes do curso de Ciências Econômicas com Ênfase em Controladoria da Unifal-MG para o período de 2017 a 2019. Figura A - Produção, por gênero, de Atigos em Revistas (nacionais e internacionais); Figura B - Produção, por gênero, de Trabalhos Completos em Congressos; Figura C - Produção, por gênero, de Resumos em Congressos. 23

Sumário

1	INTRODUÇÃO	8
2	REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1	Mulheres e o conhecimento científico	10
2.2	Participação de mulheres no Ensino Superior do Brasil	11
2.3	Participação Feminina nas Ciências Exatas e Econômicas	12
3	METODOLOGIA	15
3.1	Banco de Dados	15
3.2	Conceitos Estatísticos Básicos	16
3.2.1	Média da Amostra	16
3.2.2	Desvio Padrão	16
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	18
4.1	Discentes dos cursos de Ciências Econômicas no Estado de Minas Gerais	18
4.2	Docentes dos cursos de Ciências Econômicas no Estado de MG	20
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	24

1 INTRODUÇÃO

O espaço das mulheres no campo científico já foi praticamente nulo, ainda que elas tenham, desde muito cedo, compartilhado de curiosidades e ideias para solucionar problemas. As barreiras enfrentadas pelas mulheres foram estruturais (legais, políticas e sociais) o que teve como consequência a necessidade de um esforço extra para poder ter acesso à educação, ao Ensino Superior, e à possibilidade de trabalhar fazendo ciência (BARBERCHECK 2001, apud TEIXEIRA, COSTA 2009). Nos Estados Unidos foi apenas no ano de 1834 que se tornou legal o ingresso de mulheres nas universidades, o que aconteceu no Brasil somente em 1879 (SOBREIRA 2006 apud CARVALHO, CASAGRANDE, et al.,2011)

A permissão para o ingresso das mulheres no Ensino Superior não foi sinônimo de uma expressiva participação delas nestes espaços. Segundo Barroso e Melo (1975) este cenário passou por uma mudança significativa entre os anos de 1956 e 1970, quando o percentual de mulheres nas universidades passou de 26% para 40%. Os registros históricos mostram que em 1971 mais da metade das mulheres estavam matriculadas em cursos das áreas de Ciências Humanas, Letras e Filosofia (BARROSO, MELO, 1975)

Motivadas pela informação, disponibilizada pelo último Censo do Ensino Superior (NEXO,2017) de que, nacionalmente, o corpo discente dos cursos de Economia (ou similares como, por exemplo, Ciências Econômicas) é constituído, em sua maioria, por homens, surgiu o interesse em investigar se tal cenário também podia ser observado no Estado de Minas Gerais.

A justificativa para tal curiosidade foi, por um lado, o fato de saber que Minas Gerais possui características tão heterogêneas (em termos sociais e econômicos) que, sob determinados aspectos, o estado pode servir como amostra do que acontece no resto do país; e, por outro lado, tem-se que quando se fala de "média nacional" significa que existem estados cuja realidade está aquém da média, o que poderia significar que nestes o corpo discente dos cursos de economia poderiam vir a ser majoritariamente feminino.

Além dos alunos, também foi contabilizada a participação feminina no quadro de docentes dos cursos de Economia das universidades públicas do Estado de Minas Gerais. Especialmente na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), a análise do corpo docente levou em conta também a produção científica dos professores que atuam no curso.

Foram utilizadas no estudo informações sobre as 9 Instituições de Ensino Superior (IES) públicas que funcionam no estado e que ofertam o curso de Economia (ou Ciências Econômicas). Os dados dos ingressantes nestes cursos foram coletados para 6 semestres, com início em 2017.1 e término em 2019.2.

Na UNIFAL-MG, apesar do curso de Ciências Econômicas existir desde 2012, foi somente a partir de 2018.1 que os alunos puderam ingressar nele via Sistema de Seleção Unificada (SISU). Entre 2012.1 e 2017.2 o curso de Ciências Econômicas funcionou, exclusivamente, como um curso de 2º ciclo. Cabe o destaque de que a forma de ingresso no curso é um aspecto muito importante na análise

das relações de gênero, pois quando o curso é de 2º ciclo os ingressantes, para além do desejo de seguir determinada carreira, precisam também ter concluído o curso de 1º ciclo, o que, para alguns, pode ser desafiador.

O presente Trabalho de Conclusão do PIEPEX (TCP) foi organizado da seguinte forma:

- **Capítulo 1** *Introdução*. Fez-se uma breve descrição das motivações que levaram ao desenvolvimento da pesquisa.
- **Capítulo 2** *Referencial Teórico*. Objetivou mostrar a participação feminina na Ciência e no Ensino superior do Brasil, além de abordar a participação das mulheres nas Ciências Exatas e nas Ciências Econômicas no Brasil.
- **Capítulo 3** *Metodologia*. O propósito deste capítulo foi descrever os dados utilizados no trabalho e o ferramental teórico utilizado na geração dos resultados.
- **Capítulo 4** *Resultados e Discussão*. Exibição e discussão dos resultados.
- **Capítulo 5** *Considerações Finais*. Comentários finais, conclusões e perspectivas de trabalhos futuros.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Mulheres e o conhecimento científico

O século XIX foi um período de grandes descobertas no campo da ciência, tornando o Método Científico¹ uma grande conquista/ferramenta para o desenvolvimento da sociedade (SILVA,2008). Neste período, no entanto, a participação feminina no desenvolvimento do conhecimento científico estava dando os primeiros passos. Pode-se dizer que, nesse momento, a ciência é caracterizada por ser masculina e branca (SILVA,2008).

Uma das justificativas adotadas para explicar o desencorajamento à participação feminina no meio científico apoiava-se na ideia de que para produzir ciência era necessário fazer o uso de regras lógicas, o que era dito não ser possível para as mulheres, uma vez que eram consideradas pessoas movidas pela emoção (SILVA,2008).

Dado que nunca foi provado que existem diferenças biológicas/cognitivas, associadas ao gênero, que dê suporte ao discurso de que mulheres não são capazes de produzir conhecimento científico, em especial na área das Ciências Exatas, reforça-se a conclusão de que as diferenças de gênero são construções sociais (SILVA, 2008).

O aspecto positivo de entender as relações de gênero como descrito anteriormente, ou seja, como consequência de processos históricos e culturais, é que então tem-se um caminho para construir uma sociedade com oportunidades mais igualitárias: necessita-se questionar e instituir novas formas de arquitetar a sociedade. Muitos pesquisadores acreditam que uma das formas de fazer isso é prover uma educação igualitária para meninos e meninas (SILVA,2008).

Apesar de ser comum as crianças, independente do gênero, frequentarem as mesmas escolas, diversos estudos indicam que garotas e garotos recebem estímulos cognitivos distintos na infância (SILVA, 2008). Garotos tendem a ser estimulados a desenvolver o raciocínio lógico, inteligência formal com foco na independência e objetividade. Por outro lado, as garotas são frequentemente incentivadas a desenvolver características como passividade, dependência, sensibilidade e emotividade, habilidades conectadas com a função de mãe.

Mesmo diante da falta de estímulos, há uma parcela significativa de mulheres que escolhem integrar-se ao ambiente acadêmico/científico. Ainda que em menor escala, isso sempre ocorreu, até mesmo durante o Iluminismo (século XVIII) e no auge do desenvolvimento da Ciência Moderna (século XIX), momentos em que se tinha poucos nomes femininos em evidência (SILVA, 2008). Apesar do pouco destaque, existiam importantes mulheres por trás do desenvolvimento da ciência. Elas faziam isso nos bastidores, escondidas dentro de suas casas, usando pseudônimos e/ou tinham que pedir para algum familiar homem publicar suas descobertas, para que suas pesquisas se tornassem públicas (Carvalho e Casagrande, 2011).

¹ O Método Científico refere-se a um aglomerado de regras básicas dos procedimentos que produzem o conhecimento científico, quer um novo conhecimento, quer uma correção ou um aumento na área de incidência de conhecimentos anteriormente existentes.

Durante muito tempo as mulheres foram proibidas de frequentar lugares públicos, tais como bibliotecas e universidades. Logo, as ferramentas para desenvolver e publicar o resultado de suas pesquisas não eram os mesmos dos homens. Além disso, elas também não podiam discutir com os cientistas homens, em posição de igualdade, sobre seu conhecimento e produção (SCHIEBINGER, 2001 apud CARVALHO, CASAGRANDE et al., 2011). Somente na segunda metade do século XIX é que as mulheres puderam se matricular em universidades (SCHIEBINGER, 2001 apud CARVALHO, CASAGRANDE et al., 2011).

O primeiro país a permitir o acesso de mulheres em cursos de Ensino Superior foi os Estados Unidos, no ano de 1834. Na sequência outros países também passaram a aceitar mulheres matriculando-se em suas universidades: em 1860 a Suíça; em 1870, a Inglaterra (apesar de algumas universidades britânicas não acatarem essa decisão até meados do século XX); em 1880 a França; e em 1900 na Alemanha. A Espanha, apesar de permitir o acesso das mulheres no Ensino Superior já em 1868, teve, em 1882, um decreto condicionando o acesso das “damas” nas universidades à autorização de uma “autoridade competente”² (PEREZ SEDEÑO, 2011 apud CARVALHO, CASAGRANDE et al., 2011).

A linha do tempo apresentada na Figura 1 exibe importantes conquistas femininas, no Brasil e no mundo, em relação à participação das mulheres no desenvolvimento da ciência nacional.

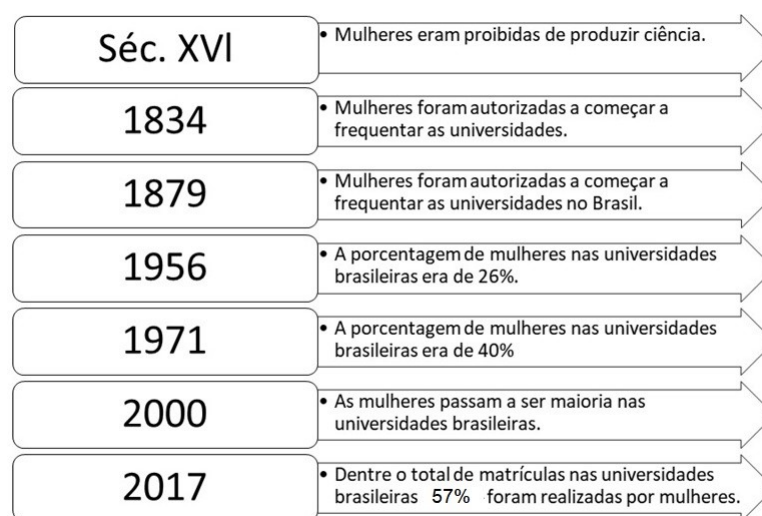


Figura 1 – Linha do tempo com o registro das principais conquistas femininas, no Brasil e no mundo, em relação ao acesso à possibilidade de produzir conhecimento científico.

2.2 Participação de mulheres no Ensino Superior do Brasil

No Brasil, o acesso das mulheres nas universidades foi permitido a partir de 1879, sendo que em 1887 a primeira delas, Rita Lobato Velho Lopes, recebeu o grau de médica (SOBREIRA, 2006 apud CARVALHO, CASAGRANDE et al., 2011). Para Carvalho e Casagrande (2011), apesar da permissão legal, as barreiras sociais continuaram impedindo o acesso das mulheres no Ensino Superior.

² esta restrição só foi eliminada em 1910

Assim que foi permitido às mulheres frequentar os espaços universitários, sua presença não era muito expressiva, segundo Barroso e Melo (1975). Foi somente entre os anos de 1956 e 1970 que notou-se um aumento mais significativo no número de mulheres nas universidades. Esse aumento, no entanto, não ocorreu de maneira uniforme para todos os cursos superiores. Neste momento as mulheres que ingressaram majoritariamente em cursos de licenciatura e da área da saúde. Em 1971, mais da metade as mulheres matriculadas no ensino superior eram em cursos como ciências humanas, filosofia e letras (BARROSO,MELO,1975).

O número de mulheres no ambiente universitário só passou a ser maior que o de homens 29 anos depois, no início dos anos 2000, atingindo 60% por cento do total de estudantes concluintes (GUEDES 2009 apud et al. BARRETO 2014). Na educação a distância (EaD) as mulheres também são, desde 2012, a maioria das matriculadas (Barreto, 2014).

Considerando, exclusivamente, as IES públicas tem-se que elas realizaram, em 2017, um total de 8,3 milhões de matrículas, das quais 57% foram para pessoas do sexo feminino. Apesar da predominância feminina nas universidades brasileiras, persiste o cenário heterogêneo na distribuição das vagas. Em 2017, por exemplo, 70,6% das vagas nos cursos de licenciatura eram ocupadas por pessoas do gênero feminino. Dentre os concluintes de algum curso de graduação, registrou-se que 59,66% eram mulheres (INEP, 2017).

Considerando os docentes no ensino superior no país, em 2012, os docentes universitários homens, representam um percentual de 54,72 %. A predominância de docentes do gênero masculino é ainda maior se consideradas instituições públicas, ainda que as mulheres sejam maioria com a titulação de mestrado e doutorado (BARRETO,2014). Cabe ressaltar que com o processo seletivo para tal acesso sendo realizado por meio de concursos público era para sugerir maior igualdade de oportunidades (BARRETO,2014).

Quando se observa a participação feminina no quadro de docentes da IES públicas, levando em consideração as 5 regiões do Brasil, tem-se que as regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sul apresentam uma menor diferença entre a quantidade de homens e mulheres. Já na região Sudeste o percentual de homens aumentou, tendo comportamento oposto das demais regiões (BARRETO,2014).

2.3 Participação Feminina nas Ciências Exatas e Econômicas

O propósito desta seção foi resgatar nomes de mulheres que marcaram a história e colaboraram para o desenvolvimento da ciência, em especial da ciência exatas.

Uma das primeiras matemáticas que se tem registro foi Maria Gaetana Agnesi (1718-1799), nascida em Milão na Itália. Ela foi, desde criança, estimulada, por seu pai que era professor de matemática, a participar de reuniões organizadas por ele. Nessas reuniões sempre estavam presentes acadêmicos, intelectuais e cientistas. Agnesi ficou conhecida pela curva de terceiro grau: $y(x+a)=a$ que leva seu nome a “Curva de Agnesi” (OLIVEIRA,2012).

Contemporânea de Maria Gaetana, Sophie Germain (1776-1831) viveu na França, na época da revolução francesa. Para desenvolver seus estudos teve que enfrentar resistência familiar. Conta-se que sua família chegou a cortar a luz e o aquecimento do seu quarto na tentativa de parar seus estudos. Depois

de muito persistir, passou a ter o apoio de sua família. Sophie costuma ser lembrada por ter se disfarçado de homem para poder frequentar a *École Polytechnique de Paris*, onde teve contato com importantes matemáticos utilizando o pseudônimo masculino, M. le Blanc (CARVALHO, CASAGRANDE 2011).

Na Escócia, ao mesmo tempo em que Sophie German disfarçava-se de homem para poder pesquisar em matemática, a escocesa Mary Fairfax Greig Somerville (1780-1872) também enfrentava dificuldades para obter os livros que necessitava para realizar seus estudos (mulheres eram proibidas de frequentar livrarias). Além disso, ao contrário de Maria Gaetana que tinha seu pai como um apoiador, Mary Fairfax convivia com um pai que dificultava seu desenvolvimento, pois não concordava com o fato dela exibir "interesses masculinos". Somerville recebeu da Sociedade Real Inglesa de Ciências uma homenagem na forma de um busto que foi exposto no hall do seu prédio. Devido ao preconceito da época ela jamais pode ver esta homenagem, pois era proibido às mulheres entrar na Sociedade Real (OLIVEIRA, 2012).

Da mesma forma, Maria Curie, nascida Marya Sklodowska (1867-1934) na Varsóvia, enfrentou dificuldades semelhantes as vividas por Somerville. Marie Curie foi a única mulher a ganhar duas vezes o Prêmio Nobel. Recebeu destaque também por ser a primeira mulher graduada em física pela Sorbonne (foi também a primeira mulher a lecionar lá) e um ano depois se formou também em Matemática. Juntamente com seu marido Pierre Curie trabalhou em pesquisas que levaram a descoberta da radioatividade, do elemento polônio (CARVALHO, CASAGRANDE,2011).

Elza Furado Gomize, nascida em 1925, em São Paulo, filha de um professor de matemática, foi a primeira mulher brasileira, em 1950, a receber o título de Doutor em Ciências, com área de concentração em Matemática Pura. Sua tese foi sobre o Teorema de Artin-Weil. Elza Furado também coordenou importantes trabalhos de tradução para o português nas obras de matemática, além de ser sócia e fundadora da Sociedade Brasileira de Matemática e do Centro Brasileiro de pesquisas Físicas (OLIVEIRA, 2012).

Outro nome importante no Brasil foi Maria Laura Mouzinho Leite Lopes foi um dos nomes que marcou as Ciências Exatas no país. Ela foi membro fundador da Sociedade Brasileira de Matemática (SBEM), sendo presidente de honra. Assim, Maria Laura teve grande importância para fortalecer a Educação Matemática e torná-la como área de pesquisa (OLIVEIRA, 2012).

Quando a participação feminina, de alunas dos cursos de graduação, aumentou, também o número de discentes mulheres nos cursos de Ciências Econômicas teve um acréscimo. Segundo Barroso e Mello (1975), o curso de Administração de empresas também exibiu, a exemplo do curso de Economia, uma evolução de 6% para 15% no percentual de alunas matriculadas nesses cursos.

Apesar desse crescimento na participação feminina nestas profissões, que continuou ocorrendo depois dos anos 70, o número de homens nos cursos de Ciências Econômicas no Brasil continua sendo maior que o número de mulheres. Em uma pesquisa realizada com dados dos anos de 1993 à 1997, tendo como amostra os alunos da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Queiroz (2001) afirmou que a grande maioria de alunos neste período era de gênero masculino, representando 64 por cento do total. O mesmo foi observado no curso de graduação em Ciências Econômicas da Universidade Municipal de São Caetano (UCSC), em um estudo desenvolvido por Laviola e Funcia (2004). Neste último trabalho outra conclusão a que chegaram foi de que na UCSC a parcela masculina é maior e, em média, mais

velha que a população feminina.

3 METODOLOGIA

Este capítulo foi dividido em duas partes. A primeira delas descreve os dados utilizados no desenvolvimento do trabalho, já a segunda parte descreve o ferramental conceitual utilizado na construção e análise dos resultados.

3.1 Banco de Dados

Como um dos objetivos deste TCP foi analisar, sob a perspectiva das relações de gênero, os ingressantes nos cursos de Ciências Econômicas do Estado de Minas Gerais fez-se necessário, para cada uma das IES pública que ofertava o curso, armazenar as relações dos alunos convocados na Primeira chamada do SISU.

Foram utilizados dados do ingresso nos cursos de Economia para o período de 2017 até 2019. Além disso, para cada uma das IES considerada foi feito o registro da quantidade de docentes que atuavam nos cursos de Economia. No total foram consideradas informações de 9 universidades públicas: Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES); Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP); Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ); Universidade Federal de Uberlândia (UFU); Universidade Federal de Viçosa (UFV); Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) e Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). A Tabela 1 exibe o total de ingressantes nas universidades consideradas neste trabalho.

Tabela 1 – Número total de alunos convocados para as primeiras chamadas nos cursos de Economia da IES públicas do Estado de Minas Gerais para o período de 2017 a 2019.

IES	2017.1	2017.2	2018.1	2018.2	2019.1	2019.2
UNIMONTES	15	24	24	14	25	24
UFJF	54	34	28	47	30	47
UFMG	32	-	26	-	36	-
UFOP	50	50	45	47	25	47
UFSJ	41	-	36	-	10	-
UFU	20	37	18	31	16	29
UFV	25	-	43	-	47	-
UFVJM	9	26	12	28	15	28
UNIFAL-MG	150	78	62	69	53	67

Os dados dos ingressantes na UNIFAL-MG foram disponibilizados pela Coordenação de Registro de Controle Acadêmico (CRCA) do campus Avançado de Varginha. Já as informações das demais universidades foram extraídas dos *sites* de cada uma delas. Como mencionado anteriormente, para cada IES considerada foi também feito o registro, por gênero, do número de docentes dos cursos de Economia do estado. A Tabela 2 mostra os dados destas populações. Vale ressaltar que Os espaços preenchidos por hífen são dados não existentes.

Tabela 2 – Quantidade de docentes, por gênero, nos cursos de Economia da IES públicas do Estado de Minas Gerais.

IES	Feminino	Masculino
UNIMONTES	-	-
UFJF	10	17
UFMG	14	33
UFOP	6	16
UFSJ	6	14
UFU	16	33
UFV	3	14
UFVJM	5	11
UNIFAL-MG	18	20

No caso dos docentes da UNIFAL-MG foi realizada uma análise adicional. Buscou-se, através da pesquisa em seus currículos disponíveis na plataforma Lattes, investigar se era possível perceber diferenças no volume das publicações que pudesse estar associada ao gênero do professor. Do Currículo Lattes foram extraídas informações dos últimos 3 anos e o registro feito foi da quantidade artigos publicados em revistas internacionais, número de artigos publicados em revistas nacionais, número de livros publicados, número de capítulo de livros publicados, número de artigos publicados em congressos e o número de resumos publicados em congressos nacionais.

3.2 Conceitos Estatísticos Básicos

O Capítulo 4 faz uso de algumas ferramentas estatísticas para análise de posição, dispersão e de variabilidade. As próximas seções tratam destes conceitos. Para tal, consideremos um conjunto de dados x_1, x_2, \dots, x_n em que n representa o tamanho da amostra, ou seja, o número de elementos.

3.2.1 Média da Amostra

A média de um conjunto é uma medida de tendência central, sendo que é calculada somando o valor de todos os elementos do conjunto e dividindo pela quantidade de parcelas somadas (que é igual ao número de elementos do conjunto). Define-se média por

$$\bar{x} = \frac{\sum x_i}{n}.$$

3.2.2 Desvio Padrão

O desvio padrão amostral s é definido como:

$$s = \sqrt{\frac{\sum (x_i - \bar{x})^2}{n - 1}}.$$

Como a variância σ^2 de uma amostra (x_1, \dots, x_n) de n elementos é dada por

$$\sigma^2 = \frac{\sum (x_i - \bar{x})^2}{n - 1},$$

frequentemente é comum referir-se ao desvio padrão como

$$s = \sqrt{\sigma^2}.$$

O desvio padrão é uma medida que expressa o grau de dispersão de um conjunto de dados. Ou seja, o desvio padrão indica o quanto um conjunto de dados é uniforme. Quanto mais próximo de 0 for o desvio padrão, mais homogêneo são os dados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo desenvolvido neste TCP foi dividido em duas etapas. A primeira delas teve como objeto principal da análise os discentes dos cursos de Economia, enquanto que os docentes foram o objeto da análise na segunda etapa.

4.1 Discentes dos cursos de Ciências Econômicas no Estado de Minas Gerais

Ao acessar as informações dos ingressantes das 9 IES públicas de Minas Gerais, que ofertam o curso de Economia/Ciências Econômicas, foi possível notar que em algumas delas o ingresso ocorria duas vezes no ano, enquanto em outras as turmas eram anuais. Para fins de padronização na comparação, optou-se por considerar valores (médias) anuais para os ingressantes. Ou seja, nas instituições em que os alunos podiam ingressar no início e na metade do ano foi realizado o cálculo da média entre estes dois quantitativos.

A Figura 2 mostra a proporção, por gênero, dos ingressantes em 8 das 9 IES públicas consideradas neste trabalho. A única instituição cujos dados não foram exibidos nesta imagem foi da UNIFAL-MG. A razão para mostrar, separadamente, os dados da Universidade Federal de Alfenas deve-se ao fato de que o Curso de Ciências Econômicas dela teve ingresso via SISU a partir de 2018. Assim, a proporção de ingressantes em 2017 refere-se a uma outra forma de seleção.

Analisando a Figura 2 é possível perceber que, independente da instituição, os candidatos selecionados na primeira chamada são, majoritariamente, masculinos. Adicionalmente, nota-se que apenas na UFV, UFJF e UFSJ exibem tendência para o aumento do número de alunas do gênero feminino. Nas demais instituições (UNIMONTES, UFMG, UFVJM, UFU e UFOP) se percebe um leve crescimento no número de ingressantes do gênero masculino.

Tabela 3 – Quantidade média, para o período de 2017.1 a 2019.2, de ingressantes do gênero feminino nos cursos de Economia da IES públicas do Estado de Minas Gerais.

IES	Média	Desvio Padrão
UNIMONTES	16,34	4,49
UFJF	25	0,81
UFMG	10,34	1,69
UFOP	24,34	4,36
UFSJ	10,34	3,77
UFU	15,67	3,39
UFV	11	4,54
UFVJM	15,67	2,05
UNIFAL-MG	71,67	20,67

Segundo o Censo do Ensino Superior referente ao ano de 2017 a média nacional de ingressantes do gênero feminino nos cursos de Economia era inferior a 50% (NEXO, 2017). Isso significa que o

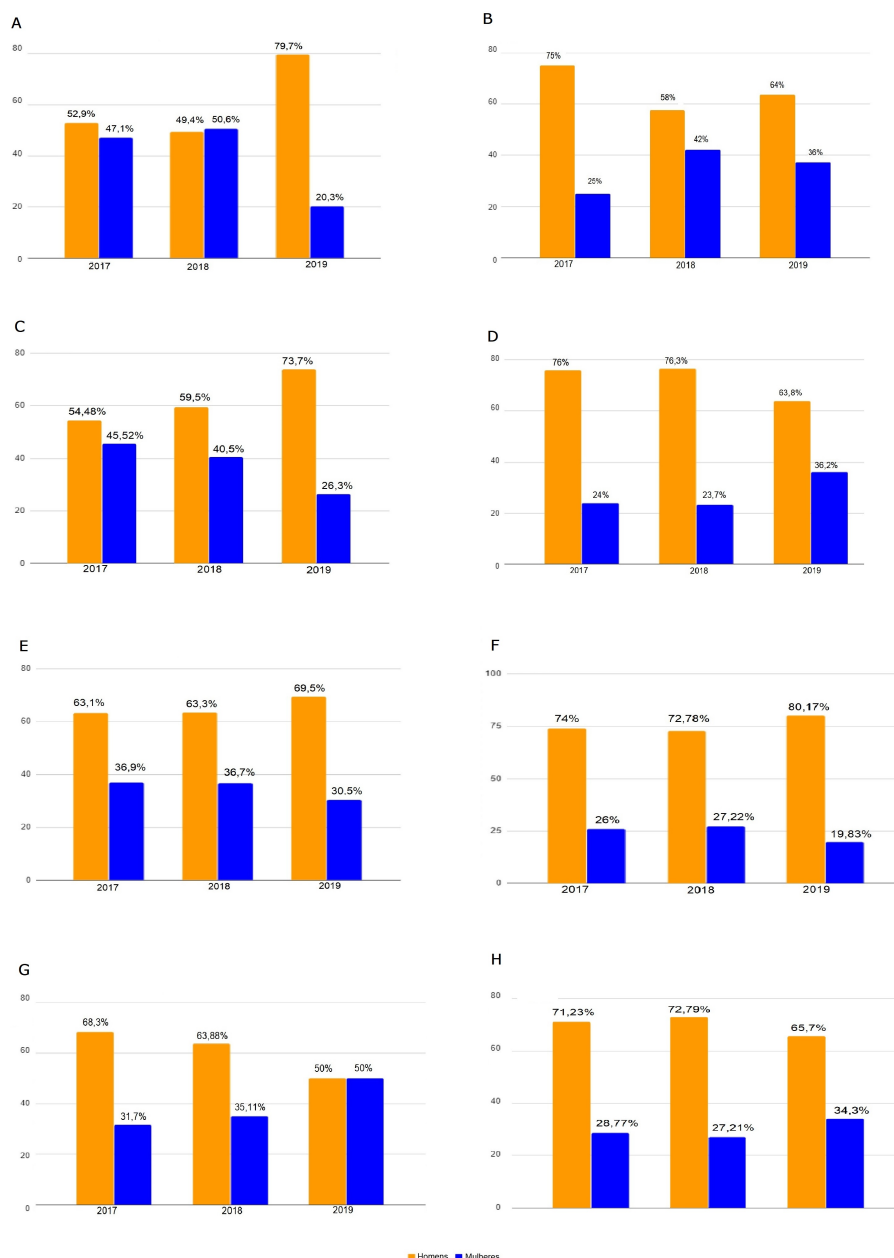


Figura 2 – Ingressantes, por gênero, dos cursos de Economia/Ciências Econômicas das IES públicas do Estado de Minas Gerais para o período de 2017.1 até 2019.2. Figura A - Ingressantes UNIMONTES; Figura B - Ingressantes UFMG; Figura C - Ingressantes UFVJM; Figura D - Ingressantes UFV; Figura E - Ingressantes UFU; Figura F - Ingressantes UFOP; Figura G - Ingressantes UFSJ; e Figura H - Ingressantes UFJF.

cenário exibido (pela Tabela 3), de 2017 a 2019, para 8 universidades de MG está de acordo com o que é visto nacionalmente. As únicas exceções foram a UNIMONTES e UFSJ que, para um ano, exibiram média de ingressantes mulheres em torno de 50% (Figura 2).

A Figura 3 exibe as proporções, por gênero, dos ingressantes da UNIFAL-MG no período de 2017 a 2019. Como até 2017 a única forma de ingressar no curso de Ciências Econômicas da UNIFAL-MG era, depois de concluído o curso de 1º ciclo (BICE) pleitear, via edital específico, uma vaga no na Economia, tem-se que a coluna referente a 2017, tanto na Figura 3A quanto na Figura 3B, refere-se a

estes ingressantes. Já para os anos de 2018 e 2019, houve duas formas distintas de matricular-se no curso de Ciências Econômicas da UNIFAL-MG: via SISU e via Edital de 2º ciclo. Assim, a Figura 3A mostra, para os anos de 2018 e 2019, exclusivamente o ingresso via SISU, enquanto que a Figura 3B mostra para o mesmo período a soma entre os ingressantes via SISU e também via Edital específico. Nota-se que para o ingresso via SISU o comportamento, por gênero, dos ingressantes da UNIFAL-MG é muito semelhante ao dos demais cursos analisados, das outras 8 universidades públicas mineiras. Já quando considera-se o ingresso via Edital específico o perfil muda completamente, colocando as mulheres ocupando a maior parte das vagas.

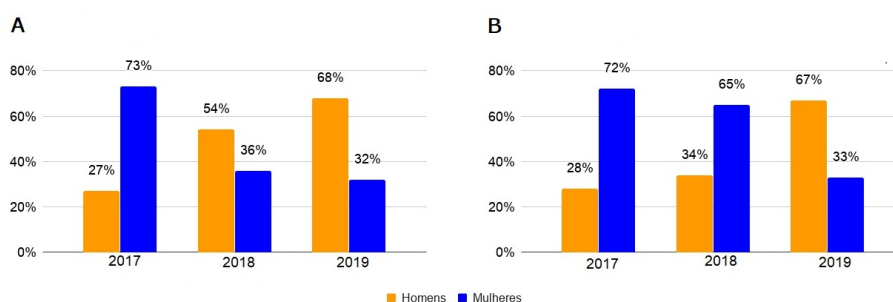


Figura 3 – Ingressantes, por gênero, no cursos de Ciências Econômicas com Ênfase em Contabilidade da UNIFAL-MG para o período de 2017 a 2019. Figura A - exibe a média, para 2017, do ingresso no curso via edital de 2º ciclo, e 2018 e 2019 a média dos ingressante via SISU. Figura B - exibe a média, para 2017, do ingresso no curso via edital de 2º ciclo, e 2018 e 2019 a média do total de ingressantes do período, ou seja, via SISU e via Edital de 2º ciclo.

Silva (2001) observou que na Universidade Federal da Bahia, entre os anos de 1993 e 1997, o curso de Ciências Econômicas era tal que a população de discente do gênero feminino representava apenas 36% do total. O índice de representatividade feminina no final dos anos 90 na Bahia não é muito distante da média da participação feminina nos cursos de Economia no Estado de Minas Gerais. Em média, as mulheres ocupam 39,48% das vagas do curso no estado. A Figura 4 exibe, para cada uma das IES estudadas, o percentual de alunas mulheres.

Nota-se que a maior (média) representatividade feminina está UNIFAL-MG, enquanto que a menor média percentual é da UFOP. Uma das possíveis razões para isso acontecer é que na UNIFAL-MG, em 2017, o ingresso no curso específico ocorreu somente na modalidade de 2º ciclo. E como a taxa de conclusão entre as mulheres costuma ser maior que para homens, a população de candidatos para ingressar no específico tinha um viés feminino.

4.2 Docentes dos cursos de Ciências Econômicas no Estado de MG

Esta segunda etapa do capítulo foi dedicada à análise da participação feminina no corpo docentes dos cursos de Economia/Ciências Econômicas das IES públicas estudadas neste trabalho. Analisar a participação feminina nestes espaços justifica-se devido ao fato da seleção, em qualquer uma das 9 IES analisadas, seguir o mesmo critério: concurso público.

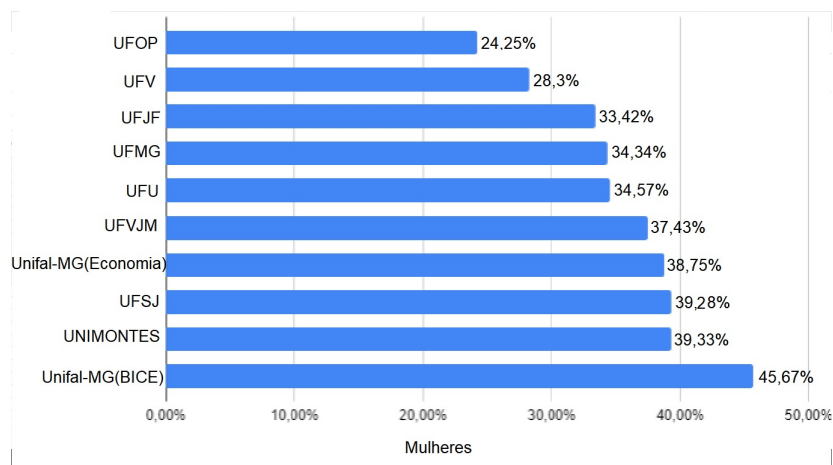


Figura 4 – Percentual médio, referente ao período de 2017 a 2019, por IES pública, de estudantes mulheres do curso de Ciências Econômicas no Estado de Minas Gerais.

Entendemos que a participação feminina no corpo docente de cursos de Ensino Superior em instituições públicas requer, minimamente, o título de mestre, sendo que na maior parte dos casos a exigência mínima é para o título de doutor. Ou seja, a presença feminina nas universidades, no papel de docente, é reflexo do número de profissionais disponíveis no mercado com a formação requerida, uma vez que o processo seletivo para o acesso à docência nas IES públicas são feitas via concurso público.

A Figura 5 mostra, para cada da IES, o percentual de mulheres no corpo docente dos cursos de Economia/Ciências Econômicas. Nota-se que, em média, no estado de MG, 28,9% das vagas de professor são ocupadas por mulheres. Trata-se de um índice bastante tímido. A instituição que exibe a maior proporção de mulheres em seu corpo docente é a UNIFAL-MG. Cabe destaque que, ao menos parcialmente, isso deve-se ao fato de que muitas das disciplinas obrigatórias não são tradicionais dos curso de Ciências Econômicas em outras instituições, como é o caso de Introdução à Administração Pública, Administração Pública Contemporânea, dentro outras.

Comparando as Figuras 4 e 5 percebe-se que na universidade em que se observou um percentual maior de alunas foi a mesma em que mostrou possuir um maior percentual de docentes mulheres. Uma possível explicação para este cenário é o fato do curso de Ciências Econômicas, criado para ser de 2º ciclo, ter o Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Economia (BICE) que é o curso de 1º ciclo, para além da Economia, também para a Administração Pública, Ciências Contábeis e Ciências Atuariais, que possuem perfil, em relação ao gênero, um pouco distinto.

Com base nas informações contidas na Tabela 4 foi possível mensurar a produção desenvolvida por homens e por mulheres docentes do curso de Ciências Econômicas da UNIFAL-MG. Foram consideradas nesta análise três categorias: 1. artigos publicados em periódicos (nacionais e internacionais); 2. artigos completos publicados em Anais de Congressos (nacionais e internacionais); e 3. Resumos publicados em congressos (nacionais e internacionais). Foram escolhidas estas três categorias porque a maior parte da produção do corpo docente analisado concentra-se nestas modalidades.

Ainda, de acordo com Tabela 4, foi possível perceber que no ano de 2017 os docen-

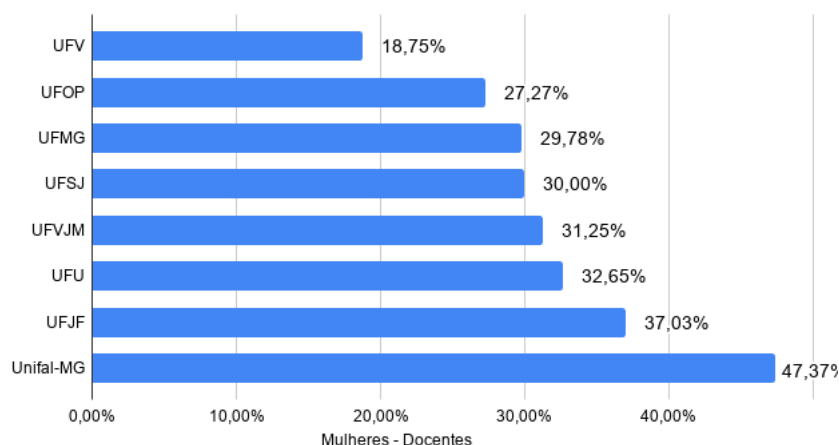


Figura 5 – Percentual médio, por IES pública, de docentes mulheres nos cursos de Ciências Econômicas no Estado de Minas Gerais.

Tabela 4 – Quantidade média, para o período de 2017 a 2019, de produções acadêmicas dos docentes da UNIFAL-MG.

IES	2017			2018			2019		
	Artigo	Completo	Resumo	Artigo	Completo	Resumo	Artigo	Completo	Resumo
Produção HOMEM	13	15	2	12	12	1	4	7	2
Produção MULHER	7	9	8	11	6	3	5	2	0
MÉDIA Produção HOMEM	0,65	0,75	0,1	0,6	0,6	0,05	0,2	0,35	0,1
MÉDIA Produção MULHER	0,39	0,5	0,45	0,61	0,33	0,17	0,27	0,11	0

tes homens tiveram em média mais publicações do que as mulheres na publicação de artigos em revistas e em congressos. Em 2018 a produção de artigos completos de autoria masculina permaneceu no mesmo patamar, mas a produção de artigos em revistas, para autoras mulheres, aumentou. Já em 2019 foi possível notar que a publicação média, tanto de homens quanto de mulheres, caiu nas 3 divisões, se comparada com os 2 anos anteriores. Um possível explicação para isso pode ter sido a não atualização do Currículo Lattes ou o impacto do contingenciamento, durante a maior parte de 2019, dos gastos - por parte do governo federal - com a educação.

A Figura 6 demonstra por tipo de publicação a quantidade produzida por homens e por mulheres no período de 2017 a 2019. É possível observar, na média para o período, os homens tiveram mais publicações de artigos em periódicos e artigos em congressos. Enquanto as mulheres, na média para estes três anos, tiveram mais resumos publicados.

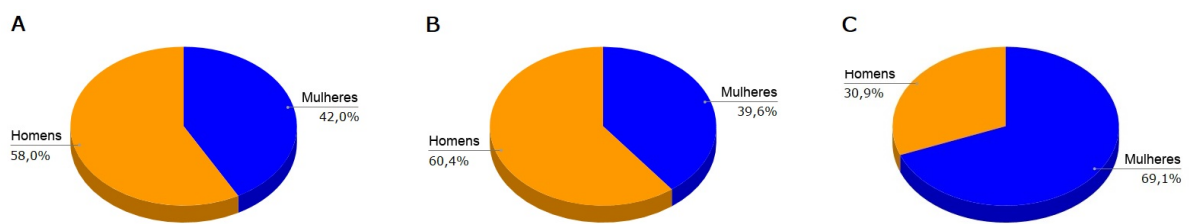


Figura 6 – Média da produção dos docentes do curso de Ciências Econômicas com Ênfase em Controladoria da Unifal-MG para o período de 2017 a 2019. Figura A - Produção, por gênero, de Artigos em Revistas (nacionais e internacionais); Figura B - Produção, por gênero, de Trabalhos Completos em Congressos; Figura C - Produção, por gênero, de Resumos em Congressos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres passaram por muitas dificuldades para ocupar legalmente os espaços acadêmicos, o que ocorreu no Brasil apenas em 1879. Diante disso, elas começaram, aos poucos, a ingressar nas universidades sendo quase cem anos depois (em 1971) é que elas passam a representar 40% do total dos estudantes universitários no país. Para o Curso de Ciências Econômica 1971 também representa um marco importante, pois é quando se observa o percentual de mulheres atingir o patamar de 15% (em contraponto aos 6% registrados em 1921).

Considerando as mudanças da Unifal-MG na maneira de ingresso permitindo, a partir de 2018, o acesso direto ao curso de Ciências Econômicas, os resultados obtidos indicaram que, assim como os outros cursos de Ciências Econômicas das universidades públicas de Minas Gerais, o ingresso via SISU foi percentualmente maior para os homens, ficando de acordo com os dados nacionais publicados no Censo da Educação Superior de 2017 (NEXO,2017) e também com as demais universidades públicas do estado de Minas Gerais que ofertam cursos de Ciências Econômicas.

No entanto, para a UNIFAL-MG, quando considerada a entrada através de edital específico, para os candidatos que são graduados no BICE, observou-se uma inversão no cenário, ou seja, as mulheres são a maioria dentre as selecionadas. Acredita-se que isso esteve relacionado com: 1. o fato de alguns indicarem que o índice de conclusão de cursos é maior entre as mulheres; e 2. o fato do BICE ter, em relação ao gênero, praticamente a mesma proporção de ingressantes homens e mulheres (RAMOS, MOREIRA, 2019).

Como perspectiva para trabalhos futuros acredita-se que seria interessante saber qual é a taxa, sob a perspectiva de gênero, de conclusão do curso de Economia/Ciências Econômicas no estado de Minas Gerais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Andreia. A Mulher no ensino superior: distribuição e representatividade, **CADERNOS DO GEA**, n.6, 2014.

BRASIL, **Resolução n.085**, de 14 de Novembro de 2017. Projeto Pedagógico do Curso de Ciências Econômicas com ênfase em Controladoria, Campus de Varginha-MG, da Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/graduacao/system/files/imce/Resolucao>

BRASIL, Universidade Federal de Alfenas (**UNIFAL-MG**), 2017. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/graduacao/editais-vagas-ociosas-encerrados>. Acesso em 9/12/2019.

BRASIL. Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ). SISU Chamadas. **UFSJ**, 2017. Disponível: <https://ufsj.edu.br/vestibular/sisu20171.php>. Acesso : 19/10/2019.

BRASIL. Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ). SISU Chamadas. **UFSJ**, 2018. Disponível em https://ufsj.edu.br/vestibular/sisu20181_chamadas.php. Acesso : 19/10/2019.

BRASIL. Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ). SISU chamadas. **UFSJ**, 2019. Disponível em: https://ufsj.edu.br/vestibular/sisu20191_chamadas.php. Acesso : 19/10/2019.

BRASIL. Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). SISU chamadas **UFJF**, 2017. Disponível em: <https://www.ufjf.br/cdara/sisu-2/sisu/sisu-2017-1a-edicao/>. Acesso em: 18/10/2019.

BRASIL. Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). SISU chamadas **UFJF**, 2018. Disponível em: <https://www.ufjf.br/cdara/sisu-2/sisu/sisu-2018/>. Acesso em: 18/10/2019.

BRASIL. Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). SISU chamadas **UFJF**, 2019. Disponível em: <https://www.ufjf.br/cdara/sisu-2/sisu/sisu-2019-1a-edicao/>. Acesso em: 18/10/2019.

BRASIL. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). SISU chamadas **UFMG**, 2017. Disponível em: <https://www.ufmg.br/sisu/wp-content/uploads/2017/03/1a-Chamada-LP-e-Antecip>

BRASIL. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). SISU chamadas **UFMG**, 2018. Disponível: <https://www.ufmg.br/sisu/wp-content/uploads/2018/02/1a-Chamada-da-LP-e-1>

BRASIL. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). SISU chamadas **UFMG**, 2018. Disponível: <https://www.ufmg.br/sisu/wp-content/uploads/2019/02/1a-Chamada-da-LP-e-1>

BRASIL. Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). SISU chamadas **UFOP**, 2017. Disponível em: <https://www.vestibular.ufop.br/processo-anterior/85-sisu-2017-1/convoca>

BRASIL. Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). SISU chamadas **UFOP**, 2018. Disponível em: <http://www.vestibular.ufop.br/convocacoes-para-matriculas-20181/698-edital-prograd-n>

BRASIL. Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). SISU chamadas **UFOP**, 2019. Disponível em: <https://ufop.br/noticias/sisu/sisu-20192-1a-chamada-para-matricula>. Acesso em: 18/10/2019.

BRASIL. Universidade Federal de Uberlândia (UFU). SISU chamadas **UFU**, 2017. Disponível em: <http://www.comunica.ufu.br/noticia/2017/07/ufu-divulga-lista-de-aprovados-do-vestibular-2017>. Acesso em: 18/10/2019.

BRASIL. Universidade Federal de Uberlândia (UFU). SISU chamadas **UFU**, 2018. Disponível em: <https://vestibular.mundoeducacao.bol.uol.com.br/noticias/ufu-libera-segunda-chamada-vestibular-2018-2/37191.html>. Acesso em: 18/10/2019 .

BRASIL. Universidade Federal de Uberlândia (UFU). SISU chamadas **UFU**, 2019. Disponível em: <https://www.portal.prograd.ufu.br/servicos/>. Acesso em: 18/10/2019 .

BRASIL. Universidade Federal de Viçosa (UFV). SISU chamada **UFV**. SISU chamadas **UFV**, 2017. Disponível em: <http://www.pse.ufv.br/wp-content/uploads/sisu2017-chamada-1.htm>. Acesso em: 19/10/2019.

BRASIL. Universidade Federal de Viçosa (UFV). SISU chamada **UFV**. SISU chamadas **UFV**, 2018. Disponível em: <https://www2.pse.ufv.br/wp-content/uploads/2018/01/sisu2018-chamada-1.htm>. Acesso em: 19/10/2019.

BRASIL. Universidade Federal de Viçosa (UFV). SISU chamada **UFV**. SISU chamadas **UFV**, 2019. Disponível em: <https://www2.pse.ufv.br/wp-content/uploads/2019/01/sisu2019-chamada-1.htm>. Acesso em: 19/10/2019.

BRASIL. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). SISU chamadas **UFVJM**, 2017. Disponível em: <http://www.ufvjm.edu.br/prograd/home/34-cat-destaques/638-2017-02-02-12-47-32.html>. Acesso em: 19/10/2019.

BRASIL. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). SISU chamadas **UFVJM**, 2018. Disponível em: <http://www.ufvjm.edu.br/copese/enem-sisu/259-2018-01-10-17-32-05.html>. Acesso em: 19/10/2019.

BRASIL. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). SISU chamadas **UFVJM**, 2019. Disponível em: <http://www.ufvjm.edu.br/copese/enem-sisu.html>. Acesso em: 19/10/2019.

BRASIL. Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). SISU chamadas. **UNIMONTES**, 2017. Disponível em: <http://www.sisu.unimontes.br/index.php/edicoes-antiores/2017-05-26-12-00-18/resultados>. Acesso em: 19/10/2019.

BRASIL. Universidade Estadual de Montes Claros. SISU chamadas. **UNIMONTES**, 2018. Disponível em: <http://www.sisu.unimontes.br/index.php/edicoes-antiores/2018-05-30-20-48-11/resultados>. Acesso em: 19/10/2019.

BRASIL. Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). SISU chamadas **UNIMONTES**, 2019. Disponível em: <http://www.sisu.unimontes.br/index.php/edicoes-antiores/01-2019/resultados>. Acesso em: 19/10/2019.

BRASIL. Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). SISU chamadas. **UNIFAL-MG**, 2017. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/sisu/sisu-2017/>. Acesso em: 19/10/2019.

BRASIL. Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). SISU chamadas. **UNIFAL-MG**, 2018. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/sisu/sisu-2018/>. Acesso em: 19/10/2019.

BRASIL. Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). SISU chamadas. **UNIFAL-MG**, 2019. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/sisu/sisu-2019/>. Acesso em: 19/10/2019.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Sinopses Estatísticas da Educação Superior, Graduação. 2017. Disponível em: <<http://inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>. Acesso : 15/09/2019.

BRASIL. Plataforma Lattes **Lattes**. Disponível em:<http://lattes.cnpq.br/>. Acesso 15/10/2019

CARVALHO,A;CASAGRANDE,L. Mulheres na ciência: desafios e conquistas.**Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**,v.8,n.2, 2011.

CHIBENI,S. Algumas observações sobre o “método científico” . (**Notas de aula**, 12/2006.

LAVIOLA,M; FUNCIA,F. Diferenças de gênero entre os estudantes de graduação em ciências econômicas da Universidade Municipal de São Caetano do Sul - imes.In: XVII CBE, 2007.

MORATO,R.**Conceitos básicos de estatística descritiva**. 2011. Disponível em:[/edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3475000/mod_resource/content/1/10](http://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3475000/mod_resource/content/1/10)

OLIVEIRA, C. **A presença das mulheres nas Ciências Exatas**. Monografia (Graduação em Licenciatura em Matemática), Universidade Estadual Paulista, Guaratinguetá, 2012.

QUEIROZ, Delcele. O Acesso ao Ensino Superior: gênero e raça, **CADERNO CRH**, n.34, 2001.

RAMOS, C. A.; MOREIRA, T. L. Matemática e Relações de Gênero: BICE como um estudo de caso, **Encontro Brasileiro de Mulheres Matemáticas**, IMPA, 2019.

SILVA, Elizabete Rodrigues. A (In)visibilidade das mulheres no campo científico. **Revista HISTEDBR On-line**, v.30, n.1, 2008.

TEIXEIRA, R.; COSTA, P. Impressões de estudantes universitários sobre a presença das mulheres na ciência. **Ensaio**, v.10, n.2, 2008.

ZANLORENSSI, R. Gênero e raça de estudantes do ensino superior no Brasil por curso e área. **NEXO**, 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2017/12/13/G>